José Adal P Souza

Adão,

feito da terra

2ª edição

Volta Redonda
José Adal Pereira de Souza
2019

Souza, José Adal P.

Adão, Feito da Terra ISBN 978-85-903180-5-7

Outros Títulos do Autor
Os Muitos Corpos ISBN 978-85-903180-7-1
Nasce a Cidade da Curva do Rio ISBN 978-85-903180-6-4
As Aventuras de Pedro Malazarte ISBN 978-85-903180-2-8
Os Seis Poderosos ISBN 978-85-903180-4-0
Caminhos para sua Bike ISBN 978-85-903180-
Custódio, Fundador de Barra Mansa ISBN 978-85-903180-
Porto Novo ISBN 978-85-903180-

Todos os direitos reservados por
José Adal Pereira de Souza
Rua 54 nº 48, Volta Redonda, RJ
Cep 27261-060 Tel 24-3348-6146
whatsapp 24-98821-6146
Email – joseadal@gmail.com

A esposa é aquela que junta seu destino ao do homem e que participa de tudo na vida dele, já que os dois são um só. Assim, Maria da Conceição de Almeida, pela paciência de me ouvir ler cada capítulo, dar sugestões, criticar e elogiar, é coautora desta obra.

Sumário

Capítulo I – A Noite das Perseguições p. 03

Capítulo II – Comentários do Autor p. 10

Capítulo III – Adão p. 30

Capítulo IV – O Amigo Invisível p. 45

Capítulo V - A Coberta p. 54

Capítulo VI – A Árvore do conhecimento do Bem... p. 63

Capítulo VII – A Sacerdotisa p. 70

Capítulo VIII – Os Dias Criativos p. 79

Capítulo IX – A Fuga p. 87

Capítulo X – A Memória p. 99

Capítulo XI – O Encontro p. 109

Capítulo XII – O Amor p. 118

Capítulo XIII – Começando uma Nova Vida p. 128

Capítulo XIV – As Novas Descobertas p. 135

Capítulo XV – Expulsos do Paraiso p. 151

Capítulo XVI – Começando Tudo Outra Vez p. 161

Capítulo XVII – A Pequena Cidade p. 180

Capítulo XVIII – Caim p. 190

Capítulo XIX – Abel **p. 195**

Capítulo XX – A Morte **p. 205**

Capítulo XXI – A Viagem **p. 217**

Conclusão **p. 230**

CAPA – DUART designer produções trabalhou uma ilustração de jw.org.



Descobrir quem sou, de onde vim e para onde vou é importante demais para mim, e nesta procura posso até perder a vida.

A NOITE DA PERSEGUIÇÃO

Era uma noite miserável de chuva ininterrupta e negra como carvão. Por instantes se iluminava por relâmpagos e era entrecortada pelo uivo das rajadas de vento nas árvores e pelo estalo do trovão. Movendo-se nesse negrume homens cheios de ódio procuravam pessoas entre as árvores, sedentos de matá-las, sem que por um momento se abrandasse o rancor que enchia seus corações. Os perseguidos eram treze homens e outras tantas mulheres e crianças. A escuridão, fechada como o fundo de uma caverna, ajudava aos que eram caçados, mas também os impedia de ver para onde iam e tropeçando e caindo ficaram rodeando o mesmo lugar sem terem nada que os orientasse.

Uma menina crescida acompanhando o pai que carregava uma criança menor nos braços e puxando a irmã pela mão ficou tão transida de medo que parou incapaz de dar mais um passo, o medo paralisante lhe tirando até o ar. Um cão as encontrou e logo outro e mais outro que as cercaram latindo furiosos, enquanto seu pai se afastava gritando o seu nome. Ela caiu de joelhos e sentiu a dor dilacerante de uma mordida no braço, a carne sendo rasgada e o osso quebrando. Protegeu seu rosto com o outro bracinho enquanto dentro de sua mente passava cenas de sua casa, dela ainda pequena brincando no quintal, da mãe fiando lã para fazer a linha macia que se transformaria em tecido para suas vestes, o pai chegando do trabalho no campo à tardinha e ela correndo para seu colo. Reviu os irmãozinhos nascendo um a um enquanto sua mãe gritava de dor dentro de casa e ela, com o pai do lado de fora, aguardava assustada sem entender por que a mãe estava sofrendo tanto se ia ganhar um

novo filhinho tão bonito. Aí sentiu uma pancada forte na cabeça, tão forte como se o deus Nannar, a lua, grande e cheia tivesse caído bem em cima dela. E tudo se acabou para aquela criaturinha que não deixou nenhum traço de sua vida entre nós.

Á frente dela, mais para a direita, uma mulher fugia entre os arbustos puxando dois filhos pelas mãos e com o coração tomado por duas emoções intensas: medo e ansiedade. Corria topando em raízes de árvores, sendo arranhada nos arbustos e tropeçando em buracos do terreno. Cega pela escuridão, desatinada, só uma parte de sua mente estava lúcida e essa clamava incessantemente por seu Deus: "Pai de todos os seres, Criador do céu e da terra, com seu poder nos proteja". Esse apelo racional, mais da mente que do coração, foi cedendo com a corrida, com as crianças caindo a todo o instante e com o pouco fôlego que não conseguia encher seus pulmões. Então, de sua boca saiu um grito de pavor tão opresso quanto o salto de um gato que preso numa armadilha pula louco de medo quando o menino abre a porta sem cuidado. Ao mesmo tempo ela gritava palavras que aprendera desde menina e que tentara substituir por uma nova crença mais racional e moderna. Mas no momento de terror ela clamou: "Meu deus Shamasha, me ajude e aos meus meninos! Proteja-me meu Pai!"

Mas não houve nenhuma ajuda e tudo desmoronou rapidamente. Seu filho caiu de novo, ela parou e o levantou gritando para que corresse, sabia que assim assustava ainda mais a criança, mas o que pensava e o que fazia eram coisas diferentes. O esforço foi em vão, não dava mais tempo. As vozes dos perseguidores escondidos pelo breu daquela noite infernal estavam a alguns passos deles. Ela e as crianças corriam sem falar mais nada, mas eles as perseguiam como os demônios da noite que têm olhos que enxergam no negrume. Um de seus filhos foi arrancado de sua mão e o estanque fez

ela se virar para o outro lado e cair embolada com o outro menino. Virou-se o colocando debaixo dela e cobriu a cabeça com os braços, mas não teve tempo de pensar mais nada. Porretes bateram em suas costas e seus ossos se partiram como os gravetos que ela quebrava em casa para botar no fogo e a última imagem dessa vida que ela teve foi das labaredas crepitando e dançando sobre as brasas do velho fogão.

Naquela tarde fechada que anunciava tempestade, os monoteístas estavam reunidos orando para seu Deus quando seu lugar de adoração foi invadido por um grupo armado de lanças, porretes, boleadeiras com pedra, facas e facões, e eles começaram a ser mortos sem piedade. Alguns lograram fugir para fora da cidade. Um temporal violento desabou como para esconder os fugitivos, mas o ardor religioso junto com interesses políticos e pecuniários fez os caçadores continuarem a caçar aqueles poucos adoradores do Deus único até que a noite caiu. Espalhados entre as árvores e encharcados pela chuva fria que não parava eles fugiam e se escondiam dos seus perseguidores. Alguns dos adoradores dos deuses usavam cães e assim encontravam os fugitivos que eram impreterivelmente abatidos.

O principal dos monoteístas, o sacerdote, já não ouvia as súplicas de seus seguidores nem escutava, com horror, seus gritos desesperados quando eram encontrados e assassinados. Dividido entre encorajá-los e salvar a própria vida ele continuava para frente, orando:

- Pai, por que não nos auxiliastes? Que provação é essa? Será que O desagradamos? Conhecemos tão pouco sobre o Senhor!

Com o coração disparado e os ouvidos atentos ele não descansava e continuava correndo.

- Tantos mortos: Waab, eu ouvi gritando ao ser morto; Gead suplicava que a deixassem viva e aos dois filhos pequenos, e Lewed que abjurou sua fé clamando por Nannar, o deus Lua, também não foi ouvido por seus carrascos.

Ele parou quando ouviu vozes à sua direita.

- Meu Deus, se for de Vossa vontade eu aceito a morte e espero ser levado a Vossa presença.

Redobrou sua corrida apesar das pernas parecerem uma papa de aveia, tão moles e sem força estavam. Cambaleando feito um bêbado e se arrastando apoiado em cada arvoredo só pensava agora em escapar. Uma dor lancinante o fazia apertar o lado direito da barriga e a secura na garganta não conseguia ser mitigada pela água que escorria de sua cabeça, lhe empapava a barba negra e ele chupava. Mas além deste sofrimento físico um outro lhe afligia a alma e ele continuou rezando sem palavras audíveis, só em seu coração, um salmo de aflição:

Como maçã podre em meio a um caixote de maçãs
Assim eu me pareço e deste modo me sinto.
Ao invés de louvar meu Deus em primeiro lugar
No meu orgulho quis reformar o mundo,
Mudar as coisas que já existiam há muito tempo
Que os homens faziam por consentimento do Senhor.
. Deste modo só trouxe sofrimento. Dor e perda de vidas
E a ira deste arranjo de coisas que dirige o mundo.
Peço, meu Pai, que o Senhor que é todo misericórdia
Tenha compaixão deste teu servo ignorante
E em sua magnanimidade me dê forças para suportar
O castigo que me sobrevirá pelo mal que causei.
E que te louve para sempre porque só o Senhor é bom

Então, seus perseguidores surgiram de todos os lados, ele recebeu um golpe terrível na cabeça e mais outro, e tudo se apagou para ele.

Assim, o jovem sacerdote vagava solitário e demente, sem uma alma caridosa que o ajudasse, mas no fundo de sua mente ia aprendendo com essa experiência que não se pode estar seguro e descansado e que esta vida é uma constante luta em que a honra e a desonra estão separadas por um fio muito fino.

Um dia tudo clareou. Lembrou-se do sacerdote que era e de sua cidade, de sua crença e das mortes que ela provocou. Neste dia livrou-se das roupas imundas, tomou banho, cortou as melenas e a barba com uma pedra de sílex e limou as unhas. Sentiu-se um homem de novo. Mas as recordações dos amigos perdidos lhe assaltaram tão forte e ficou tão abatido que se desligou novamente de tudo. Caminhando meio cego pela beira do riacho caiu num lodaçal de barro pisoteado por muitos animais, afundou e quase sufocou. Levantou-se, e assim, embarreado dos pés a cabeça, parecendo um boneco esculpido e mal acabado, andou mais um pouco e caiu noutro sono profundo.

COMENTÁRIOS DO AUTOR

Tudo o que levou a esta mortandade começou na cidade de Nineveh, bem ao Norte do vale da Mesopotâmia, no fim quinto milênio a.C, mais precisamente no ano de 4026, e envolvia uma questão religiosa. O povo que habitava aquela região era o sumério, mas os arqueólogos o chamam mais precisamente de pré-eufratiano. Como todos os humanos sua preocupação com a sobrevivência se misturava fortemente com crenças em um mundo invisível, uma terra de deuses. O universo para aqueles nossos distantes parentes era chamado de An-Ki ou "o céu e a terra". Você já deve ter lido essa expressão, ela aparece nas primeiras palavras da Bíblia: "No princípio Deus criou o céu e a terra". Eles compreendiam a Terra como um disco chato e amplo e o céu como um vazio delimitado por uma abóbada de metal. Chamavam a liga de estanho que já fabricavam de "metal-do-céu", pois pensavam que o campo celeste fosse feito deste material. Nesta abóbada ficam os luzeiros: o Sol, a Lua, as estrelas e os planetas. Preenchendo o espaço entre o céu e a terra existe o Lil, o vento ou, melhor traduzindo, o espírito. Em volta desta campânula descomunal está o oceano de onde tudo saiu. Seu deus mais popular era a Lua, Nannar, irmão do Sol, Shamash, e de Vênus, Isthar. [1]

Com essa cosmogonia como base eles foram aprendendo com os astros, os luzeiros, como ordenar sua vida, executar seu trabalho e planejar seu futuro. Pelo movimento dos astros dividiram o dia em doze partes duplas, ou 24 horas, e ordenaram sua agricultura dividindo o tempo em treze meses e quatro estações. Programaram a vida separando os luzeiros do céu em doze campos, cada qual governado pela

[1] ***Enciclopédia da Bíblia*** (p. 64)

sua constelação principal. As constelações eram grupamentos de estrelas que lhes lembravam figuras como o touro, dois peixes, o escorpião, etc. Os meses eram governados pela Lua e por ela a vida se multiplicava e se desenvolvia tanto provocando os ciclos menstruais nas mulheres quanto o tempo de gestação de novas criaturas, fossem humanas ou animais. Sempre que ela aparecia no horizonte, depois de ter ficado invisível (nova), começava um mês; o ano era lunar. A agricultura também era influenciada por ela: a época de arar a terra, o momento certo de plantar cada tipo de vegetal e a época da colheita. Nessas ocasiões havia festas e comemorações que enchiam os corações daquelas pessoas de alegria e esperança. Assim, a religião permeava cada faceta da vida dos seres humanos antigos e os tornavam diferentes dos animais.

Não demorou muito para que homens sensíveis tomassem para si a responsabilidade pelos rituais que faziam o contato entre os humanos e os seres poderosos, os deuses. Surgiu a classe dos sacerdotes, pessoas que tinham mentes argutas e que estudavam Matemática e Astrologia, dominava as artes, como a de esculpir e pintar, e conhecia a Medicina. Sob a supervisão deles e para eles foram construídos templos que mais tarde ganharam a forma de pirâmide com escadas, os Zigurates. Estes líderes eram responsáveis por manter a vida das criaturas em sua comunidade correndo em paz, com alegria e saúde e, deste modo, sendo sempre produtivas. E quando as boas condições degeneravam em enchentes, epidemias, brigas domésticas ou conflitos entre clãs ou cidades eram eles que cuidavam para que tudo retornasse ao normal. Com seu empenho garantiam a sobrevivência e o desenvolvimento do gênero humano.

Porém, nessa época, perto do início do quarto milênio, 3.996 a.C, um jovem sacerdote teve o insight de que aqueles deuses eram só alguns luzeiros do céu e que havia um único

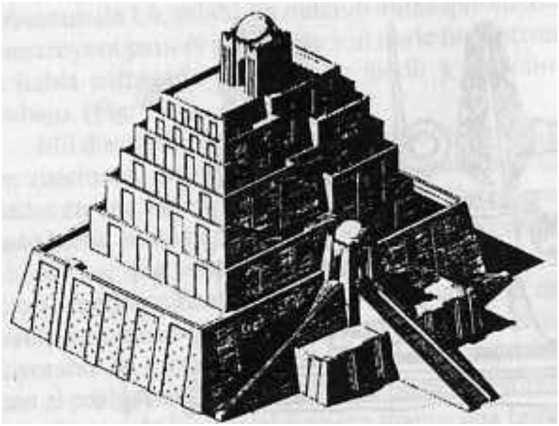
Deus que não se pode ver e que criou tudo: o oceano primordial, o céu e a terra, e todas as plantas e os seres vivos. Esse Deus não era apenas o maior entre os deuses, era o único. Não se devia pedir proteção a Nannar, Shamash ou Isthar, pois eles eram apenas luzeiros do céu. Todas as preces deviam ser dirigidas ao Pai de todos. Aquele pastor de almas, tão moço, tinha prazer em falar com seu único Deus. As palavras que lhe vinham à boca muitas vezes saiam das lembranças protegidas em seu inconsciente.

- Deus, criador de todas as coisas, dê-me primeiro a graça de saber suplicar-te da maneira correta e depois me ache digno de ser escutado por ti e por tua misericórdia. Pai, mantenha-me livre dos meus opositores. Cuides bem deste teu filho que nunca mais há de ficar sob o domínio de teus inimigos. Basta para mim ser um fantoche dos que querem manter os homens sob falsos ensinamentos. Aumente minha fé, meu Deus.

Sua pregação atraiu alguns discípulos, pessoas tão decididas que a nova mensagem foi levada rapidamente para outras cidades mais ao Sul, até o vale do rio Jordão e a cidade de Jericó. Apesar disso, não eram muitos os que acreditavam num único Deus. A ideia contrariava não só a antiga tradição como os interesses dos líderes e governantes. Quando um novo conquistador usurpava a autoridade de um governante antigo era importante apresentar aos súditos um novo deus mais de acordo com o caráter do novo chefe e que se incorporava à plêiade dos antigos deuses. Era função dos sacerdotes, apoiadores do novo chefe, criar a divindade que o apoiaria e estabelecer os rituais e festas em veneração dela. Também não era aconselhável uma cidade venerar o mesmo deus de outra. Cada uma precisava ter sua legião de potestades para enfatizar a inigualável capacidade daquele clã sobre os outros. Por tudo isso o monoteísmo não era popular. Além disso, esta nova filosofia carregava no bojo um compromisso

pela paz entre os homens de todas as tribos e povos e o ideal de todos trabalharem juntos por um só objetivo, afinal tinham todos o mesmo Pai. Era um conceito revolucionário e seu idealizador, o jovem sacerdote de Nineveh, começou a incomodar seus colegas da região e preocupar seus superiores que moravam mais ao Sul, em Babel.

Aquele momento histórico não era propenso à união e sim a diversidade de pontos de vistas. Eram muito poucos os humanos que compartilhavam da compreensão de um mundo criado e governado por um único Deus e que devia ser pacífico e unido. Eles não eram bem vistos pelos responsáveis pela organização religiosa que se formou em Babel e que se espalhou pelo vale, desceu para Canaã e subiu as montanhas que formavam o séquito do monte Ararate.



Para piorar as coisas aquelas boas novas coincidiram com uma febre que matava os pacientes com violentas dores e com uma furunculose no gado bovino que causou prejuízos e a falência em várias famílias de Nineveh. Os sacerdotes daquela cidade imediatamente mandaram mensageiros ao Sul acusando o novo pregador de estar atraindo a ira dos deuses e causando tanto mal a comunidade e devendo ser banido dela. Do sumo-sacerdote em Babel veio ordem para mandá-lo abandonar sua seita monoteísta e seus ensinamentos sobre um só Deus. Porém, como ele insistisse em organizar cultos ao novo Deus, os sacerdotes de Babel

disseram que as antigas divindades decidiram ser imprescindível o jovem sacerdote morrer junto com todos os que o seguiam, se não o abandonassem. E deram a ordem para a matança.

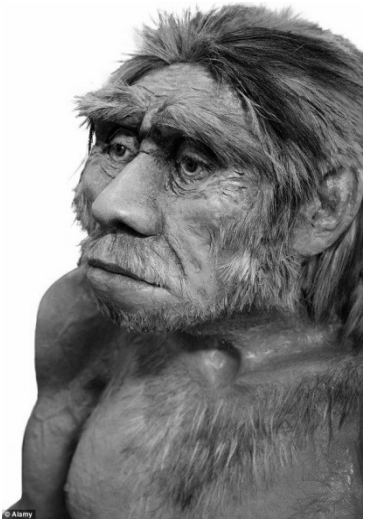
Há uma coisa estranha envolvendo os nossos antepassados distantes. Não me refiro aos desa época que estou descrevendo, 6.000 anos atrás, mas aos que viveram num tempo longínquo quando dos antropoides surgiram os humanoides. O antropologista Herbert Wendt,[2] assim fala desse espaço de tempo: *Falha-nos a imaginação para fazer uma ideia do espaço de tempo em que teve lugar esse acontecimento, o maior, mais maravilhoso e mais importante da história da Terra, o aparecimento de vida inteligente. Para isso devemos recorrer a comparações. Se, como soem fazer os paleontologistas, reduzirmos o período de tempo que decorreu da aparição dos antropoides no terciário até ao presente a um dia de vinte e quatro horas, obteremos os seguintes números. A fase de humanização desde a evolução do porte ereto até a utilização do fogo levou mais de seiscentas mil gerações. Isso equivale a 20 milhões de anos ou 20 horas de um dia. Antes, pelas 5 horas da manhã apareceram os* procônsules *semieretos e levou mais 17 horas para que deles resultassem os semi-homens de Taungs e Swartkrans utilizadores de armas. Meia hora depois, pelas 22 horas e 30 minutos, entrou em cena o Adão de Robinson, o* telantropo*, e, meia hora depois, o* Prometeu *conhecedor do fogo. Pelas 23 horas e 30 minutos, apareceram os proto-homens de* Trinil*,* Pequim *e* Heidelberg*, 15 minutos depois, os homens de* Steinheim *e* Swanscombe*, pelas 23 horas e 50 minutos, o dia simbólico terminando, os homens de* Neandertal*, e cinco minutos depois, as raças de* Cro-magnon *e* Aurignac*. Pelas 23 horas e 59 minutos surgem as raças humanas europeias atuais.*

[2] ***À Procura de Adão, p 391***

ADÃO

Nossa civilização, tudo inventado pela humanidade, equivale na duração total da humanização, a um minuto num dia de vinte e quatro horas. Os seres humanoides aprenderam tudo pouco a pouco, com uma lentidão interminável a princípio, mas depois cada vez mais depressa.

O homem com consciência parece ter surgido no período Paleolítico, há 500.000 anos. Restos de fogueiras de acampamentos muito visitados, instrumentos de pedra que revelam um trabalho inteligente para moldá-los e ossos humanos fossilizados em determinados substratos geológicos - camadas da terra que podem ser datadas com relativa precisão - dão aos estudiosos esta conclusão sobre a época em que apareceu o ser humano na Terra. Passaram-se 4.900 séculos e essas criaturas que deixaram sua marca no nosso DNA - tanto os registros de nossa evolução como acontecimentos que quase dizimaram nossa espécie – conseguiram avançar muito pouco intelectualmente. Aprenderam a se comunicar por gestos e sons, domesticaram animais, aprenderam para que servem as plantas, construíram utensílios de barro e pedra, fabricaram armas, produziram o fogo e aprenderam a guardá-lo e inventaram a roda. Não podemos julgá-los, mas é muito pouco em tanto tempo! Em sua defesa podemos dizer que viveram durante glaciações terríveis. A última era do gelo, tempo em que a Terra estava parcialmente coberta por esse elemento, o que tornava a vida dura demais, foi há dez mil anos.



John Grotzinger,[3] paleontologista, diz: "*O registro climático mostra que os ciclos glaciais não foram confinados ao pleistoceno mas estenderam-se pelo menos até a Época Pliocena (5 a 2 milhões de anos atrás) e a maioria dos geólogos acredita estar relacionada à deriva continental*". Então, esses homens e mulheres primitivos guardavam fatos importantes de sua vida na memória e cada geração passava para a seguinte os relatos históricos em forma de lendas: o conhecimento das utilidades das plantas como remédio, o domínio de palavras sagradas (mantras) e as técnicas para repetir suas conquistas rudimentares.



Entre estes poucos sucessos estava o incipiente trabalho com o barro, como essa estatueta de 11 cm encontrada em 1908, na Áustria, próximo a Willendorf e que por isso ganhou o nome de *Vênus de Willendorf*. Os testes com o método do carbono 14 deram-lhe a idade de 25.000 anos. Deve ter sido modelada por um xamã, um indivíduo sensitivo, e que como seus iguais foram os predecessores dos sacerdotes dos cultos aos deuses. Não há nesta figura de mulher rotunda de vastos seios caídos, barriga proeminente e vulva bem visível nenhuma intenção divinatória, mas somente uma representação de como a reprodução da vida, a árdua luta para manter

[3] ***Para Entender a Terra*****,** p.425

existindo uma espécie que surgiu no planeta e precisava subsistir, era importante para eles. A figura da mulher prenha era venerada por ser a perpetuadora da vida, a usina de produção dos novos membros dos grupos caçadores. Neste tempo, todas as informações vivenciadas e aprendidas eram guardadas e passadas para as novas gerações pela tradição oral.

Então, no período Mesolítico, por volta de 10.000 a.C, as condições geográficas formaram grandes vales irrigados por rios perenes: o Indo, na Índia, o Amarelo, na China, o Nilo, no Norte da África, o Jordão, em Canaã e o Tigre e o Eufrates, na Mesopotâmia. Suas cheias e vazantes formaram uma terra propícia à germinação de plantas e os antigos aprenderam a plantar, produzindo para suas necessidades diárias e guardando sobras para os dias difíceis do inverno. A vida nômade dos caçadores e coletores de cereais e frutas continuou apenas entre clãs com chefes mais retrógrados, os mais adaptados mudaram seu modo de vida. Estes se estabeleceram em vilas o que resultou no surgimento da agricultura que foi um instrumento espetacular na sobrevivência do ser humano. Agora, sempre tinham comida em casa, a morte os visitava menos, seus filhos cresciam mais fortes, podiam ter animais sob sua guarda, e aprenderam como alimentá-los e utilizar seus serviços. Gado bovino para lhes dar leite, alimento e roupa para se vestir; os equinos para levá-los mais depressa ou ajudá-los a puxar coisas além de suas forças; e o cão para guardar o rebanho e auxiliá-los na condução dele para o pasto e de volta para o abrigo e para proteger a casa. Sim, esses humanos agora possuíam casa e fixavam a família numa localidade. Multiplicavam-se formando uma vila e várias vilas que tinham parentes comuns formavam um clã. O melhor lutador tomava para si o trabalho de orientar o grupo e direcionar seus esforços e de seus animais para projetos comuns, como: rasgar na terra canais para irrigação, preparar terrenos para plantios maiores e fazer grandes construções

para uso comum, como muralhas e templos. Ele era o chefe, o predecessor dos reis, e enfeixava em suas mãos o poder de organizar os esforços de seus irmãos e criar os meios de protegê-los.

Outra faceta vital em suas vidas, sua relação com as forças superiores, com os deuses, foi ampliada e a adoração passou a ser organizada por pessoas mais perceptivas, os sacerdotes, que dirigiam o grupo em suas cerimônias. As forças naturais - chuvas intensas ou secas prolongadas – podiam ser domadas, como se domava um cavalo, por se manter uma boa relação com os deuses. Os sacerdotes estudavam o que agradava ou desagradava a esses seres superiores e conduziam o clã num procedimento muito restrito para que ficasse protegido. As regras de conduta aumentaram em número e suas punições cresceram em intensidade. Esses sacerdotes estudiosos criaram festas e cerimônias para cada momento importante da comunidade: nascimento e morte, início da adolescência e casamento, e o começo do plantio e o fim da colheita. Eram momentos alegres, de festa e companheirismo, que aqueles seres tão esforçados e tão preocupados em se organizar e se proteger necessitavam para poderem continuar progredindo e contribuindo para o crescimento do grupo.

Os sacerdotes também estudavam os astros cada noite procurando neles sinais identificadores do que o grupo ou determinado indivíduo devia fazer para ser bem-sucedido, ou mesmo o que poderia esperar para dias vindouros. O escritor Zecharia Sitchin[4], diz: *Os movimentos dos corpos celestes era uma preocupação essencial dos sacerdotes do templo para transmiti-la aos poderosos reis e os povos da Terra em geral.*

[4] ***O 12º Planeta***, p. 194

Uma mitologia rudimentar formou uma cosmogonia que era primordial na identificação dos humanos: sua colocação no tempo dos eventos, sua localização no espaço e sua relação com outros humanos. O sacerdote precisava ser uma pessoa diversa do chefe tribal, tanto por causa das funções tão diferentes que exerciam quanto pelo caráter de cada atividade, o que exigia pessoas de personalidade completamente diferentes. Assim, cada comunidade passou a possuir esses dois poderes: o temporal e o espiritual. O conhecimento adquirido nestas duas esferas de autoridade estava se multiplicando muito, mas ainda continuava sendo preservado pela tradição oral.

No início do período Neolítico, há 5.000 anos, os seres humanos estavam mais preparados para lidar com a terra e as plantas. As sobras das colheitas não só supriam suas necessidades nos dias ruins, mas eram tantas que podiam ser trocadas por utensílios que pessoas mais capazes inventavam, como um arado de madeira que podia ser puxado por um animal e usado para afofar a terra tornando o plantio mais fácil e a germinação dos grãos mais segura. Ou podiam ser trocadas por vestimentas mais bem-acabadas do que as feitas em casa: fossem de couro, de lã ou algodão tecido. Homens habilidosos aprenderam a produzir metais com calor da simples fogueira, como o cobre, e que podiam ser moldados em ferramentas, utensílios e armas. As pessoas perceberam que um vilarejo que concentrava mais artesãos habilidosos crescia e se tornava mais poderoso que os outros.

As cidades foram surgindo e os que viviam nela ou em suas redondezas vestiam-se melhor, tinham casas mais confortáveis, possuíam utensílios mais bem-feitos, enfim causavam inveja aos que viviam mais desgarrados. Cada vez mais pessoas vinham para as cidades e elas se multiplicavam. No vale do rio Jordão, surgiram: Jericó, Mureybat e Abu Hureyra; no vale dos rios Tigre e Eufrates: Ur, Mosul, Nineveh e Uruk.

Havia tantos conhecimentos acumulados que era impossível passá-los todo pela tradição oral. Assim surgiram as guildas de artífices: os metalúrgicos, os coureiros, os médicos, os construtores de prédios e de barcos e outros. Cada facção de artesãos cuidava de preservar secretamente suas técnicas adquiridas com muito esforço repassando-as para os aprendizes. Mas nesta época, princípio do quarto milênio, os mestres perceberam que as informações, mesmo sobre uma só atividade, eram muitas e precisavam ser guardadas de outra maneira que não pela tradição oral. Então aconteceu o passo decisivo que apressou o desenvolvimento de tudo: os humanos aprenderam a escrever. Agora, o mestre podia deixar registrado o que sabia para que pudesse ser usado por pessoas mais adiante ou para ele mesmo se lembrar do que tinha feito. Os estudiosos dizem que a descoberta da escrita aconteceu perto do ano 3.500 a.C.

O sacerdote caído no chão encharcado do bosque viveu quinhentos anos antes disso. Ele não morreu, mesmo tendo levado tantas bordoadas no corpo e na cabeça. Se, foi por sorte ou por desígnios do Deus que adorava não se pode saber, mas ficou desacordado dois dias sobrevivendo num limbo benigno que, desligando a maior parte de suas atividades físicas, concentrou toda força potencial curativa de seu organismo no conserto de seu corpo ferido. Quando ele voltou a si, na manhã do terceiro dia, com um sol radioso se filtrando entre a folhagem molhada do sereno, não lembrava quem era ou o que tinha acontecido consigo, nem porquê. Restava uma dor de cabeça avassaladora, uma tonteira horrível, uma secura na boca que mal o deixava respirar e uma fome que fazia doer o estômago quase tanto quanto a dor na cabeça. Um instinto, ou seja, lá o que for, levou-o a caminhar na direção contrária aquela em que estavam os seus perseguidores. Achou um riacho e bebeu mais do que deveria, acabou vomitando e se sentindo pior. Ficou ali arriado com a roupa suja

de sangue seco, de terra e de mato. Resistente e determinado o jovem de cabelos negros empapados de sangue juntou forças, levantou e caminhou para Leste. Precisava descansar a intervalos curtos, sempre acompanhando um riacho e se alimentando de raízes e batatas e esparsos frutos que encontrava.

Aquela corrente de água que seguia, muito adiante, desaguou no rio Tigre, bem nos arredores de Mosul, outra cidade importante, mas ele seguiu subindo em direção a nascente do grande rio e afastando-se da urbe. Não pensava, sua cabeça estava vazia, não recordava nada nem procurava registrar o que quer que fosse. Mas continuando a fugir era sustentando pela vontade inconsciente de sobreviver. Também, era amparado pela fé em seu Deus. Muito depois, encontrou outro rio que serpenteava no sentido noroeste e seguiu ao lado dele. Andando pelo espaço de dois dias o moço terminou por chegar de novo ao Tigre, mas bem acima de sua cidade, Nineveh. Acompanhou o grande rio que ia diminuindo de volume quanto mais subia para as montanhas.

Mesmo estando perto da água não tomava banho, os cabelos e as unhas cresciam e ele parecia um espectro para os animais que o avistavam e algum ser humano que o observava de longe. Para aqueles acadianos, desgrenhado e sujo como estava, causava um temor inexplicável como se a sua aparência acordasse antiga lembrança, não vivida por eles mesmos, mas por seus antepassados distantes e guardadas em antigas lendas. Eram recordações embaçadas de seres quase humanos, que não falavam e viviam como animais, e que conviveram com os homens no que chamavam primórdios do mundo. O pavor desses seres era como um tabu, inexplicável, como se os humanos guardassem em si o

medo da possibilidade de não termos passado pela mutação que nos deu a condição da razão, consciência e alma e que podia ter impedido o planeta Terra de produzir a raça que viria a dominar o mundo, a raça humana. Temiam que o mundo voltasse a ser dominado por aquela raça de gente que mais parecia bicho.

A paleontologia deu àqueles hominídeos a classificação de Neandertais e descobertas arqueológicas comprovam que eles, por um bom tempo, foram nossos contemporâneos temidos e discriminados. Em um livro em espanhol (não é difícil de entender), diz[5]: "Ayla había sido criada por gentes del Clan [Neandertais], personas cuyas diferencias eran inexplicables. Para casi todo el mundo, los que Ayla llamaba 'clan' no eran humanos, sino animales, pero no como los otros animales, creados por la Madre para las necesidades de Sus criaturas. Todos reconocían similitudes entre ellos y los cabezas chatas, aunque no los admitieran, pero esas características humanas no despertaban sentimientos de hermandad. Antes bien, parecían una amenaza, por lo que se prefería subrayar las diferencias. Para las personas el Clan era una especie bestial, abominable, que ni siquiera entraba en el gran panteón de las creaciones de la Gran Madre, como si hubiera sido engendrada por algún



[5] ***Los Cazadores de Mamuts***, de Jean M. Auel, p. 129